

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO
SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

A MUSICA EM PORTUGAL

ENSAIO HISTORICO

III

QUE o canto ecclesiastico estava em uso nas nossas egrejas nos primeiros tempos da monarchia portugueza, cousa é que não admitte duvida. Já anteriormente, em 1050, o concilio de Coyança determinara que: *Archidiaconi tales clericos constitutis quator temporibus ad Ordines ducant, qui perfectè totum Psalterium, Hymnos et Cantica, Epistolas, Orationes et Evangelia sciant* (1). Uma antiga chronica nos falla em um *Te-Deum* e *Ladainha* cantados na igreja de Santa Cruz de Coimbra, no reinado de D. Sancho I. E de um mestre cantor da igreja do Porto falla um documentõ do seculo XIII, citado por Viterbo (2).

O canto *gothico* ou *mosarabico* fazia alguma differença do canto gregoriano. E' provavel porém que este ultimo prevalescesse nas cathedraes de Portugal já desde os primordios da monarchia, não só attendendo aos exforços empregados pelos Papas Alexandre II e S. Gregorio VII para a abolição da lithurgia mosarabica na Peninsula, mas tambem porque logo nos primeiros reinados houve em Portugal varios Bispos estrangeiros, especialmente francezes (3), os quaes deviam certamente forcejar por introduzir nas suas dioceses a musica ecclesiastica usada em seus respectivos paizes. Por este modo é de crêr tambem que chegassem a Portugal as innovações feitas na arte musical por Gui de Arezzo e por Franco de Colonia, a que já nos referimos n'outro artigo: concorrendo igualmente para isto os muitos mancebos, que por aquelles tempos iam lá fóra estudar as sciencias (4).

Uma differença importante se dava entre a musica de igreja e a musica vulgar, especialmente cultivada pelos *trovadores* e *menestreis*. Aquella procedia por notas de igual prolação, ao passo que n'esta havia já o rythmo; e foi da mistura d'estes dous cantos que nasceu a melodia moderna.

Sabe-se que desde o seculo IX até ao XIV foi a grande epocha dos trovadores, os quaes levavam uma vida errante, ora seguindo os exercitos á campanha para celebrar os feitos d'armas dos guerreiros, ora cantando de amor ás damas e abrilhantando com os seus improvisos e canções os festins e os saraus dos principes e senhores.

O trovador era quasi sempre acompanhado pelo *menestrel*, que executava a parte harmonica no bandolim, na harpa ou em outro instrumento identico, ao passo que o poeta desempenhava a melodia, por elle mesmo inventada, ou escolhida d'entre as já sabidas. Algumas vezes o trovador cantava e tocava simultaneamente, acompanhando-se a si mesmo. D'aqui nasceu uma grande variedade de rythmos, como se deduz da variedade de metros empregada nas antigas trovas.

A França, a Hespanha, e por consequencia Portugal foram os paizes onde mais floresceram os trovadores. Aqui não foram poucos os que cultivaram a poesia provençal, a ajuizarmos pelo que ainda hoje resta d'essa antiga litteratura nos nossos *cancioneiros*; e os trovadores portuguezes deviam cultivar conjunctamente a musica, que formava, como dito fica, uma parte componente da *gaia-sciencia* (1).

Consta que os trovadores introduziram nas suas melodias as *fiuriture* e grupos de notas, que caracterisavam o canto dos orientaes; e n'isto deviam distinguir-se especialmente os hespanhoes, mais em contacto com os arabes, dos quaes receberam tambem alguns instrumentos, como a rabeça de tres cordas (*arrabil*) (2), a guitarra, etc.

D. M. S.

(Continua).

DESDENHOSA

(M. L.)

Quando eu te disse em tremula ousadia
O louco amor d'esta alma apaixonada,
Tu respondeste co'uma gargalhada,
Riste—cruel!—um riso d'alegria...

«—Que? pois julgava que acreditaria?»—
Disseste me. «—Oh! eu não o creio. Nada!...

(1) Fred. Schlegel, *Hist. da Litt. antiga e moderna*—Tom. I—Cap. VII.

(2) Do arabe *arrabab*. Vid. Fr. João de Sousa, nos *Vestigios da lingua arabe em Portugal, ás palavras Arrabil e Rabeça*.

(1) Memoria de Amarel, nas de *Litteratura da Academia*—tom. VII—pag. 200.

(2) Elucidario, vbo. *Dyo-rola*.

(3) Taes foram D. João Peculiar, Arcebispo de Braga, francez, ou pelo menos educado em França—Gilberto, Bispo de Lisboa, inglez—Aymerico, Bispo de Coimbra, francez. D'outros prelados nos consta que fizeram larga residencia em Italia, a terra predilecta da musica.

(4) Vid. a *Hist. dos estabelecimentos scientificos*, por Silvestre Ribeiro—tom. I, pag. 11.

Ter-me-hia amor se eu fosse bem *dotada*...
Assim... amar-me? só por zombaria!

E a tua mão fugia mansamente
Emquanto eu lhe collava ardentemente
Um beijo santo, um beijo bom de amor,

Sem ponderares que eu prefiro bem
Um beijo teu, um teu olhar, cecem,
Ao throno de ouro de um imperador!

7 de outubro de 1885.

Albano Coelho.

MARIA

A ABELHA vive do nectar
Só da flor;
Eu vivo dos teus sorrisos
Meu amor.

Se a rosa dissesse à abelha
Qualquer dia:
«Vae-te, insecto!» a pobresinha
Que faria?

Girando, zumbindo em torno
Da cruel,
Nunca mais fabricaria
Doce mel.

Talvez de pena morresse,
Que sei eu!
 Talvez o vento a levasse
Pelo céu...

Não me digas nunca «Vae-te»!
Como a flor,
Que eu morrera como a abelha,
Meu amor.

Guimarães, 29-9-85.

J. Leão Martins.

AS CASAMENTEIRAS

(JEANNE THILDA)

ELLA gira de sala em sala; a sua enorme *traine* não faz o menor ruído: dir-se-hia um sopro, um murmúrio, acariciando a macia alcatifa.

Veste de escuro, tem poucas jóias nos cabellos (todos seus) entrançados no alto da cabeça em fôrma de diadema: o diadema da modestia, da decência, do bom tom.

Todos a conhecem e se agrupam em torno d'ella: os velhos inclinam-se com um sorriso inquietante, os moços mendigam um olhar dos seus olhos castos; as *grandes dames* dirigem-lhe palavras benevolas, e as meninas, de vinte e cinco a trinta annos, disputam a honra de lhe servirem uma chavena de chá, de lhe offerece-

rem um bolo; se tanto ousassem, prostrar-se-hiam a seus pés.

Por vezes, durante a noite, ella faz um gesto imperceptível; um sujeito aproxima-se e conversa em voz baixa, trocam phrases laconicas, contemplando uma mulher velha ou moça, que, córada ou pallida, segundo o seu temperamento, ri ás gargalhadas, aspirando o seu bouquet e disfarçando o seu enleio; o sujeito afasta-se, radiante, depois de ter apertado muito a fina mão que lhe estendem; em seguida, enroscada no fundo de um fauteuil, ella escuta Wagner ou Chopin, em uma attitude de dilettanti que saboreia o trecho da sua predilecção.

Conserva na mão um leque, ao qual está preso um lapis, e quando uma mulher se curva sobre o seu hombro e lhe murmura algumas palavras ao ouvido, rabisca á pressa no marfim das varetas, um nome, alguns algarismos, uma data, e nas suas pupillas, ordinariamente apagadas, accende-se um relampago.

*

Esta mulher, flôr aberta na lama do século XIX, é a *Casamenteira*; creada pelo progresso e pela necessidade de dinheiro: a sua missão consiste em unir as almas, os corpos e os dotes: é uma potencia! lisongeiam-a, attrahem-a, temem-a; foi ella que supplantou as agencias matrimoniaes, com os seus annuncios charlatães e o seu programma de descripção e celeridade; é a mulher mundana, que *trabalha* no seu mundo, sem se occultar, conhecida por toda a gente; fornece o celibatario, que não tem tempo nem paciência para procurar por sua conta; indica ás meninas aquelle que ha de pagar legitimamente as suas toilettes e garantir com a sua responsabilidade os decotes exaggerados e as walsas estonteadoras; com os olhos fitos no céu e um sorriso de beatidade nos labios, ella distribue a felicidade, aproxima aquelles que o implacavel destino separava; e casa com unção, religiosamente, gravemente, cumprindo um sacerdocio; é ella que conduz o homem á mulher e a mulher ao homem, desviando de si o feio epitheto com que poderiam maculal-a, pela presença do *maire* e do padre; e, misturando galantemente o incenso com o opoponax, guarnece o seu estabelecimento, onde ha mercadorias para todos os gostos e para todos os porte-monnaies.

A sua delicadeza prohibe-lhe de aceitar dinheiro da mão de qualquer pessoa, que horror! nunca ella tal faria. Logo que se conclua o negocio entabolado, uma das partes interessadas apresenta-se em sua casa, afim de exprimir-lhe a sua gratidão; ao ausentar-se, a *Casamenteira* acha em cima da pedra do fogão a carteira que encerra a somma estipulada, paga em assetinadas notas brancas e azues. Salvaram-se as apparencias, e não se melindraram os escrúpulos da discreta intermediaria.

*

A *Casamenteira* não tem agencia estabelecida em local certo, o seu commercio exerce-se em toda a parte: no bosque, na Opera, no baile, no mar, nas primeiras representações; fareja a

caça como um bom perdigueiro, attrahe-a, convence-a, e ella sac das suas habeis mãos completamente encadeada. Se a mercadoria é nova em folha, e não tem nenhuma avaria, o negocio é menos rendoso, os senões representam outras tantas fontes de receita: qualquer desvio da linha recta, paga-se á parte, é preciso que o marido tenha a illusão da flor de laranja.

Ha alguns annos uma casamenteira muito conhecida em Paris, hoje retirada em um castello da Touraine, viu entrar-lhe em casa uma donzella, pertencente á nobreza do imperio.

—Minha senhora, disse a joven patricia, ajoelhando aos pés da *Casamenteira*, salve-me; se me negar o seu auxilio, só me resta morrer.

A recém-chegada explicou que succumbira, ao amor que lhe inspirara o seu professor de musica, e que trazia no seio o fructo das suas imprudentes effusões.

A *Casamenteira* levantou-a e prometteu-lhe a sua protecção.

Ella conhecia o conde de V..., um libertino, bastante cavalheiroso para não se negar a desposar qualquer mulher que seduzisse. A *Casamenteira* convidou-o para jantar, e serviu-lhe vinhos generosos, aos quaes juntou certas drogas; em seguida deixou-o só, adormecido sobre uma chaise longue.

Então, a joven patricia entrou, vinha procurar a dona da casa. O conde acordou, viu na sua presença essa encantadora menina de expressão candida e suave; esquecido do sitio em que se achava, ignorando a quem se dirigia, instigado por uma terrivel embriaguez, o libertino disse á menina... tudo quanto lhe veio á cabeça, e disse-o com tal intimativa, que a *Casamenteira* appareceu de subito, attrahida pelos gritos da infeliz.

A *Casamenteira* indignada, accusa o conde, e em um impeto de desespero nomeia-lhe aquella que elle acaba de deshonrar.

O conde, recobrando a razão, corresponde em tudo á fidalguia do seu nome; pede a mão da pudica creança, cuja existencia despedaçou; um mez depois, o casamento celebra-se com grande pompa na Magdalena, e a *Casamenteira*, que rogou devotamente pela ventura dos esposos, encontra, ao regressar a casa, a quantia de trezentos mil francos que lhe enviou a nova condessa.

As grandes dames, as authenticas, seguem muitas vezes as pisadas das *Casamenteiras*: estas, furiosas, contam de que maneira uma princeza polaca, que habitava Paris, serviu de intermediaria a um illustre hymeneu, que lhe rendeu uma quantia fabulosa. Outra princeza, de origem franceza, favoreceu as entrevistas de dois namorados, cujas familias estavam mais desunidas do que as dos Capuletos e Montagus, fornecendo-lhes meios de se transportarem para o estrangeiro.

Paris alludiu com palavras reservadas a esta aventura, disse-se que a menina tinha estado no campo, e os paes e mães reconciliaram-se com ostensivas demonstrações: os namorados casaram, e dotaram opulentamente a filha da princeza de oirgem franceza.

E eis o que levantou o seculo XIX, o seculo do naturalismo: as mulheres que vociferam contra a escravatura dos pretos, sorriem benevolas para o commercio dos brancos e das brancas; dispensam toda a sua consideração ás vendedoras de matrimonios; recebem-as, ellas que mandariam expulsar pelos seus laçaios as vendedoras do amor; a alma faz parte da mercadoria, a *Casamenteira* compromette-se a incluil-a no contracto, e o diabo esfrega as mãos, collocando o adulterio de sentinella no limiar d'essa triste alcova nupcial: esses entes pertencem-lhe, a *Casamenteira* é a collaboradora do inferno!

Em tudo isto não ha lugar para o amor, elle seria inutil e incommodo; recolhem-o aos armarios velhos, conjunctamente com os vestidos antigos. E se por acaso dois entes moços e sadios se beijam na bocca, pondo n'esse beijo todo o seu coração, accetando a vida em commum, em uma união forte e meiga, as pessoas rasoaveis encolhem os hombros, o desprezo não se faz esperar: a paixão, a felicidade, a communição de alma e de intelligencia, que horror! são palavras de romances, e que romances! não são os romances actuaes, asseguro-lhes: os escriptores contemporaneos possuem a perspicacia e a experiencia indispensaveis para não se occuparem de similhantes futilidades!

Guimar Torrezão.

PROPOSTA

O lindo olhar teu
E' meigo, e tão doce,
Que eu, d'um só que fosse,
Vivia no ceu!...

O' candida rosa!
O' linda Astharteia!
Mais bella e formosa
Do que a linda hebreia!

No meu coração,
Ha só treva e gelo:
E é esse clarão
Quem pode aquecel-o!...

Só tu é que podes
Curar meu soffrer...
Se, pois, não me accodes...
Quem me hade valer?...

Sabrosa—85.

Teixeira Coelho.

O CEMITERIO

(N'UM ALBUM)

É funebre o assumpto.
Embora; é a unica, a verdadeira realidade. Hoje presos á vida por mil laços queridos, a mentira, amanhã o cemiterio, a verdade.
Tudo o que nos rodeia é ficticio, mudavel;

hoje, affecto que conforta, amanhã... fumo que se esvae.

A mãe que vê no filho a sua felicidade, adora-o, põe n'elle as suas esperanças, julga que lhe pertence, engano!... As ligações mais affectuosas são cortadas n'um momento. projectos de ventura, derrubados d'um só golpe.

Eis a vida.

A realidade é bem triste, mas está n'estas palavras.—

«AQUI JAZ».

Amalia Flores.

FABULA

A SERPENTE E A LIMA

Dizem que certa serpente
De um serralheiro vizinha,
Lhe entrara á loja, obrigada
Da negra fome, que tinha.

Depois de farejar tudo
A esfomeada serpente,
Não topando outra vianda
N'uma lima aferra o dente.

Então o duro instrumento,
Sem o bom humor perder,
Assim lhe diz: «Pobre louca,
«Que estás tu ahí a fazer?»

«Como te entrou na cabeça
«Tão bestial desatino?
«Tu não vês que sou mais rija
«Que o teu dente agudo e fino?»

«Antes que possas tirar-me
«Um só d'estes dentes meus,
«(Que o tempo apenas desgasta)
«Romperás todos os teus».

A fabula vem frizando
A uma ralé maldizente,
Que sem prestar para nada
Abocanha a toda a gente.

Em vão nas obras de merito
Vae mordendo a cada instante;
Para taes dentes são ellas
De ferro, bronze, diamante.

A...

(IMITAÇÃO)

Não sei bem se o teu olhar
E' feito do azul do ceu,
Ou, da Aurora o rebrilhar
E' reflexo do olhar teu.

Supponho até que os teus olhos
Illuminam todo o mundo;
Mas sossóbro nos escolhos
D'este meu amor profundo.

Tyto Mantio.

CALINADAS

N'UM baile:

—Vossencia, como recordação d'esta noite,
dá-me uns fios de oiro da sua trança?

—E' impossivel.

—Impossivel! porque?

—Porque posso estragal-a e tenho de a pagar ao cabelleireiro que m'a alugou.

×

Em casa do morgado B... era grande a consternação. Fôra raptada a filha mais velha, uma joven, formosa, de 17 annos. A velha morgada pucha, nervosa, pelos cabellos... postiços.

—Socegue, minha senhora—diz-lhe uma vizinha—não se afflija...

—Oh! como não hei-de affligir-me? Deshonrada a minha filha! Palavra que antes queria que isto me succedesse a mim...

×

No tribunal:

Juíz:

—Pelos depoimentos das testemunhas prova-se que o reu é um gatuno de primeira ordem.

Reu (com ar de modestia):

—São favores de vossas excellencias...

—Um gatuno de uma habilidade rara. Você é o primeiro no seu genero.

Reu (commovido):

—Sem desfazer em quem está presente...

LOGOGRIPHO

—AO MEU SYMPATHICO AMIGO A. JOSÉ D'OLIVEIRA—

E' homem—1—5—3—2—11—4—11—7—11.

E' mulher—8—9—10—7—5—2—8.

E' homem—8—9—4—7—5.

E' mulher—3—2—6—8—9—8.

Na Italia foi rei.

Barcellos, 85.

F. Carmona.

CHARADAS NOVISSIMAS

1.º — Na cabeça, desagrada, para as damas se vestirem—2—1.

2.º — Tira a vida, este rio, n'este lugar de immolação—2—2.

3.º — Disse o anjo, na ovelha, é um fructo—2—1.

4.º — Na musica e na musica, e da musica—1—1.

F. Martins.

Decifração do logogrifho do n.º antecedente:—Bonança. Da charada em verso:—Penitencia-ria: das novissimas:—1.º es-corva;—2.º Fe-no;—3.º Fa-taça.